



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

A EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA COM O FILME *UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA*: O filme como recurso didático para fomentar a reflexão crítica sobre memória, patrimônio e ensino de história.

Zamilute Aminne Paiva¹

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA / UESB

Resumo

Esse texto nasce como um relato de experiência sobre o uso do filme *Uma História de Amor e Fúria* em minha trajetória como professora de História na educação básica, destacando as possibilidades de debate que a obra oferece. O objetivo é retomar vivências em sala de aula e articulá-las com os aportes teóricos discutidos dentro do Mestrado Profissional em Ensino de História, estabelecendo um diálogo entre prática e teoria no campo da educação patrimonial, memória, consciência histórica e do ensino de História.

Palavras-chave: Cinema. Ensino. História.

Introdução

Ao longo da minha trajetória como professora de História, sempre procurei caminhos que pudessem aproximar os estudantes dos conteúdos de forma crítica e significativa. Desde cedo percebi que o ensino dessa disciplina não pode se limitar à transmissão de datas e fatos, mas precisa provocar reflexões sobre quem somos, de onde viemos e quais memórias escolhemos preservar enquanto sociedade. Nesse processo, o cinema se tornou um aliado importante, não apenas por despertar a curiosidade e a emoção, mas por possibilitar debates sobre memória, identidade e as disputas em torno da história nacional.

Foi nesse contexto que o filme *Uma História de Amor e Fúria*, lançado no ano de 2013 ganhou destaque na minha prática docente. Conheci essa obra em 2014, ainda como estudante de História na UESB, e desde a primeira vez fiquei impactada pela forma como ela narra a trajetória do Brasil. Anos depois, já em sala de aula, encontrei na animação um recurso valioso para despertar nos alunos questionamentos sobre a colonização, as revoltas populares, a ditadura civil-militar e até mesmo sobre os desafios do futuro. A cada exibição, percebo como a trama de Abeguar e Janaína toca os estudantes, seja pelo encantamento da narrativa, seja pelo desconforto em relação às injustiças que atravessam nossa história.

Neste texto, compartilho minha experiência com o uso do filme em sala de aula e as reflexões que ele tem provocado em mim e nos meus alunos. Mais do que apoiar o trabalho com conteúdos consolidados no currículo, essa obra abre espaço para pensar a história de

¹ Professora de História da rede estadual de ensino da Bahia e discente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

maneira crítica, evidenciando os silenciamentos e questionando o que reconhecemos como patrimônio na construção da memória nacional. É a partir desse olhar, construído entre a prática e a reflexão, que busco discutir o papel do cinema e da educação patrimonial no ensino de História.

Uma história de amor e fúria

O filme *Uma História de Amor e Fúria* é uma animação brasileira lançada em 2013, escrita e dirigida por Luiz Bolognesi. A trama gira em torno da trajetória de Abeguar, um personagem imortal que atravessa e é atravessado por 600 anos da história do Brasil. Sua jornada, em um primeiro plano, é guiada pelo amor, sempre em busca de Janaína, que renasce em diferentes momentos da nossa história. No entanto, cada reencontro ou desencontro coloca o personagem diante de questões sociais profundas, que se repetem e persistem ao longo do tempo, revelando as marcas da desigualdade e da violência que estruturam a nação brasileira.

A narrativa é dividida em quatro momentos históricos centrais: a resistência indígena à colonização portuguesa no século XVI; a Balaiada, no Maranhão, durante o século XIX; a ditadura civil-militar no século XX; e, por fim, um cenário futurista de guerra pela água, ambientado em 2096. Esses recortes não constroem apenas uma linha do tempo, mas também oferecem um olhar crítico sobre a história brasileira, evidenciando como as lutas por justiça, liberdade e dignidade permanecem como fios condutores da nossa trajetória enquanto povo.

Ao longo da minha prática docente, o filme passou a ser um recurso recorrente em sala de aula. Ele sempre surge como uma oportunidade de enriquecer o debate sobre a colonização e o encontro violento entre os povos originários e os europeus, sobre a escravidão retratada no contexto da Balaiada, sobre a resistência e as revoltas que marcaram o Brasil Império, além de abordar a ditadura civil-militar, episódio recente que ainda reverbera fortemente na sociedade.

Confesso que, até aqui, utilizei o filme principalmente como apoio ao trabalho com conteúdos já consolidados no currículo de História da educação básica: colonização, revoltas regenciais e ditadura militar. Ainda assim, os resultados sempre me surpreenderam. A maioria dos alunos reage com entusiasmo, e em um primeiro momento quase sempre se espanta por se tratar de uma animação brasileira. Frequentemente escuto comentários de surpresa em relação à qualidade da produção nacional. Essa reação, ao meu ver, é um reflexo de um pensamento colonizado, que vai sendo desconstruído à medida que eles entram em contato com novas referências, e acredito que esse também é um dos papéis do professor: apresentar outras



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

perspectivas.

No Ensino Fundamental II, o estranhamento inicial se dá, muitas vezes, pela visão dos corpos nus dos indígenas nas primeiras cenas, o que costuma causar burburinho. Mas logo a atenção é capturada pela ação e pela narrativa. Rapidamente, os alunos começam a torcer intensamente por Abeguar e Janaína, sofrem junto com a violência e a injustiça a que os personagens são submetidos e, ao final, sempre perguntam se foi “assim mesmo” que as coisas aconteceram. Esse questionamento abre caminhos riquíssimos para desdobrar os conteúdos.

Já no Ensino Médio, as reflexões se aprofundam. Percebo que os estudantes se encantam da mesma forma, mas conseguem captar nuances mais complexas da narrativa. Em muitos momentos, foram capazes de estabelecer conexões entre passado e presente, reconhecendo como as lutas por justiça, liberdade e dignidade permanecem vivas em uma sociedade ainda marcada pela desigualdade. Esses diálogos tornam o trabalho em sala de aula ainda mais significativo, pois mostram que a história não é apenas algo distante, mas algo que continua atravessando nosso cotidiano.

Viver sem conhecer o passado é viver no escuro

Para além dos momentos históricos representados, a obra cinematográfica nos instiga a refletir sobre questões essenciais para o ensino de História. O filme enfatiza a importância de conhecer o passado, alertando-nos sobre os perigos de se contar uma história única. Ele evidencia a disputa em torno da memória na construção da identidade nacional, revela os silêncios intencionais presentes nos discursos históricos e expõe o apagamento sistemático dos “vencidos” e dos “silenciados”. Destaco aqui a intencionalidade desse processo de apagamento,

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. (Adichie, 2019, p.12)

Uma das cenas de *Uma História de Amor e Fúria*, à qual recorro para alimentar o debate sobre o que se constitui como patrimônio e sua relação com a memória, ocorre durante o período das revoltas regenciais. Nela, ao retratar o fim do conflito entre os rebeldes e as forças imperiais, o filme mostra os combatentes da Balaiada sendo executados. Enquanto isso, o narrador ressalta



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

que muitas estátuas foram erguidas em homenagem àquele que se tornaria patrono do Exército Brasileiro. Já os verdadeiros heróis, segundo ele, foram aqueles que morreram lutando contra os opressores. Mas, a história dessas pessoas fora esquecida pela narrativa oficial.

Essa cena revela não apenas a dor de nosso protagonista, mas também a denúncia da manipulação da memória histórica. O momento é carregado de emoção e política, reforçando a tese do filme de que a história do Brasil é marcada por lutas sociais frequentemente apagadas ou distorcidas pela narrativa dominante. Acredito que a partir desse recorte temos bastante elementos para pensar a questão do ensino de história e a educação patrimonial, como a reflexão em torno dos silenciamentos, qual a história os patrimônios que se erguem nos contam? E, principalmente, quais histórias elas não contam? Qual o passado se ensina na escola?

Nesse sentido, é possível estabelecer uma relação entre a narrativa fílmica e a educação patrimonial no ensino de história,

A educação patrimonial não é uma metodologia – esta afirmação permite anunciar alguns propósitos que dão o tom destes escritos. Se a educação é um processo relacional, então há muitos caminhos para se construir relações educativas, assentadas na crítica, na interpretação e na reflexão. Se a educação que defendemos é aquela que questiona a negação histórica dos afrodescendentes e indígenas da América Latina, é fundamental imaginar diferentes formas de ensinar e aprender. (Gil, 2020, p.108)

Diante de tudo isso, é impossível não pensar em como a nossa história, a que aprendemos e que tantas vezes ensinamos, é atravessada por escolhas. Refletir sobre o que reconhecemos como patrimônio na construção da história nacional é também olhar com atenção para as estruturas de poder que decidem quais memórias merecem ser lembradas e quais são deixadas de lado. Aqui recorro mais uma vez a Adichie, quando afirma: “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, repetidamente, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p. 12).

O filme *Uma História de Amor e Fúria* nos mostra, com força e sensibilidade, que muitas vezes a história oficial se sustenta em esquecimentos intencionais. Por isso, a educação patrimonial precisa ir além da preservação de prédios ou monumentos: ela precisa tocar as histórias silenciadas, dar espaço para outras vozes, para outras formas de lembrar.

Conclusão

Encerrar essa reflexão é, de certo modo, também reconhecer que minha prática docente está em constante movimento. Utilizar o filme *Uma História de Amor e Fúria* em sala de aula



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

tem sido uma forma que encontrei de provocar nos estudantes a curiosidade, o espanto e, principalmente, a vontade de compreender a história para além das narrativas enxutas dos livros didáticos. A cada exibição, a cada debate, percebo como essa obra contribui para questionar as narrativas consolidadas, permitindo que novas perguntas surjam e, com elas, novas possibilidades de ensino e aprendizagem.

Essa experiência me fez repensar o lugar do patrimônio na formação da história nacional. Percebi que, mais do que objetos e monumentos, o patrimônio é também aquilo que escolhemos lembrar e compartilhar, ou aquilo que, por séculos, escolhemos silenciar. Nesse sentido, a educação patrimonial, entendida como prática crítica, tem um papel fundamental na construção de sujeitos mais conscientes e engajados com a realidade.

Levar para a sala de aula obras como *Uma História de Amor e Fúria* é uma tentativa de romper com o ensino fragmentado e conteudista, e de convidar os estudantes a refletirem sobre o país em que vivem, suas heranças históricas e os caminhos que ainda podem ser trilhados. É nessa troca constante entre teoria e prática, entre saber e sentir, que acredito ser possível transformar o ensino de História em um espaço verdadeiramente formador e libertador.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Investigações em educação patrimonial e ensino de história (2015-2017). *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, v. 38, p. 1–22, jan./jun. 2020

UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA. Direção: Luiz Bolognesi. Produção: Buriti Filmes, 2013. 1 DVD (95 min.), son., color.